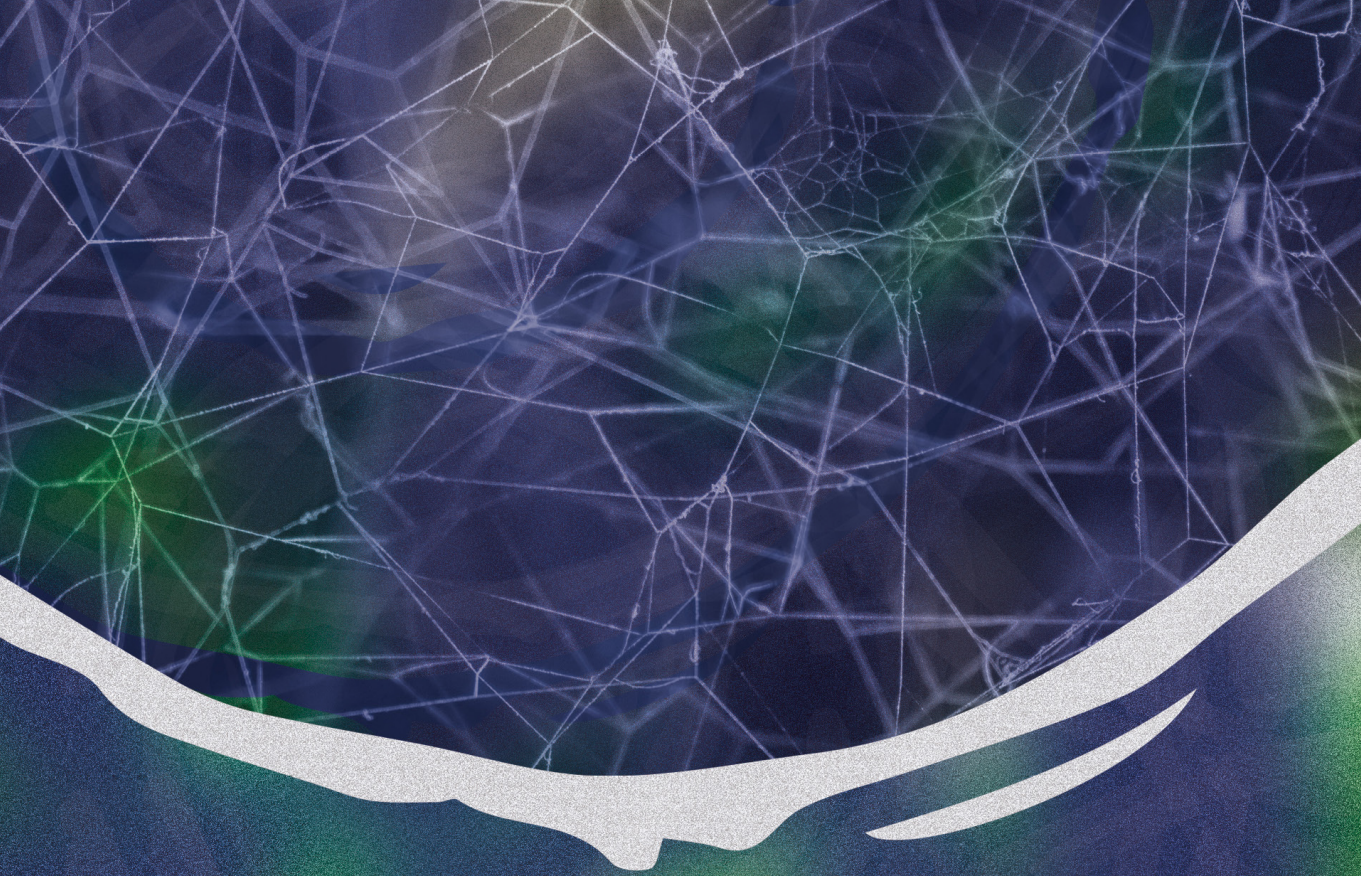


EDITORA
UnB

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Antropologia-Educação

Experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira
(organizador)

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Sávio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
	Talita Guimarães Sales Ribeiro
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Gabriela Costa Silva Capuano
Diagramação	Uilca-Terra R. M. M. Martins
Foto de capa	General Kenobi, via Pexels.com

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

A636 Antropologia-Educação [recurso eletrônico] : experiência, imaginação e conhecimento / Alessandro Roberto de Oliveira, organizador. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
154 p. – (Série ensino de graduação).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-242-2.

1. Antropologia. 2. Educação. 3. Experiência. 4. Imaginação. I. Oliveira, Alessandro Roberto de (org.). II. Título. III. Série.

CDU 39

Fernanda Cordeiro de Carvalho – CRB 1/2339

Imagino a vida dos outros.
Não é por cobiça.
É por vontade que dê certo.
O paraíso são os outros, Valter Hugo Mãe

Sumário

Apresentação 11

Ensinar e aprender Antropologia na interface com a Educação 13
Alessandro Roberto de Oliveira

Parte 1 – Trajetórias 27

Choque cultural e Educação: de Codó ao DF 29
Rafael Moreira dos Santos

As gerações e a vida em uma agrovila 31
Bruna Silva de Jesus

“Tenha educação!” 35
Andressa Felix Albuquerque

Diversidade de infâncias: reflexões sobre contexto, educação e cultura 39
Anna Lua Miranda da Silva Paz

Legado familiar: a influência transformadora da educação 41
Joyce Soares Ramos

Uma família de mulheres 42
Letícia Nayra Matias vianna de Almeida

Contra a morte e pela vida: a luta de uma mulher negra por si e pelos seus 47
Railane Lima de Almeida

Parte 2 – Infâncias 51

Infâncias diferentes, educações diferentes: a história de Dona Tereza 53
Ohani Araujo Lima

Laços de infância(s) 57
Maria Eduarda dos Santos Martins

As concepções de infância na pediatria do Sarah Kubitscheck 61
Clara Alessandra Santana Borba

Fumaça de terra 65
Ludmila Galdino Cândido

A história de Matheus 69
Arlete Carvalho Souza

Os adultos é que não sabem – um ensaio antropológico 73
Isabel Gomes Aguiar Teodoro

Os múltiplos saberes dentro da infância e da educação 77
João Vitor de Oliveira da Silva

Parte 3 – Ficções 81

A voz da diversidade diz: “Eu existo!” 83
Priscila Rubem de Sousa

Como estrelas na Terra – toda criança é especial 87
Ana Gabriela Militão de Souza

Tales by light: educação e cultura 91
Suzane Ferreira Santos

Raya e o último Dragão 97
Anna Clara Vitor de Sena

O bicho vai pegar 2 101
Nicole de Melo Sales

Educação, Cultura e Antropologia: a história do menino que descobriu o vento 105
Emanuele Damascêna Portela de Oliveira

Educação fora da cerca: os olhares e passos aventureiros de um menino-cervo 109
Gabrielle Montalvão Ferreira

Parte 4 – Escolas 115

A dificuldade de ler e o papel do professor 117
Stephanie de Sousa Lima

Conversa com quem gosta de ensinar: ensaio sobre a cultura e a Antropologia como Educação 121
Isabela Siqueira Palhano Cabral

Carla: a experiência de uma recém formada em Pedagogia 125
Ester Sandes Camargo

Leituras de Calvin e Haroldo e minha experiência na educação infantil 129
Nami Dansa Motta

A cor é tudo 133
Ana Luísa Morais de Almeida

“Henriqueeeee, hora de tomar banho para ir ao colégio” 137
Sarah Ingrid Pereira Guedes

Minha experiência de estágio 141
Letícia Vaz Pereira Barbosa

Antropologia-Educação: algumas considerações 143
Alessandro Roberto de Oliveira

Apresentação

Alessandro Roberto de Oliveira

Esta coletânea pretende disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o conteúdo aqui reunido é direcionado para esta disciplina, mas pode ser de interesse para as Ciências da Educação de maneira geral, a partir de uma perspectiva da Antropologia, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.[1]

Do mesmo modo, este material também pode ser útil para professores e estudantes das Ciências Humanas e Sociais, e da Antropologia em particular, na medida em que alguns fundamentos e noções básicas da disciplina são aqui retomados por leituras que se apropriam de seus sentidos convencionais e inventam outras formas de operar essas ideias de maneira criativa a partir do universo de interesse da Pedagogia. Para além da universidade, este livro também pode contribuir com professores e estudantes do ensino médio na Educação Básica, quando interessados em conversar e refletir sobre as relações entre educação e cultura, marcadores sociais da diferença e espaços escolares. Por fim, pode atrair ainda profissionais da Pedagogia que atuam na Educação Infantil, interessadas nas reflexões sobre infâncias.

Aqui reunimos 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período do curso de Pedagogia produzidos entre 2020 e 2022. Os textos estão distribuídos em quatro partes. A primeira é *trajetórias* e reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. A segunda é *infâncias*, e trata de diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com os filhos. A terceira, *ficções*, reúne escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. Por fim, *escolas* fecha o livro com ensaios que partem de cenas escolares, seja na posição de estudantes seja como estagiárias ou professoras da Educação Infantil, enfocando

[1] Os textos aqui encontrados tratam ora do fenômeno da educação, em seu sentido amplo, ora da Educação como área do conhecimento. Para marcar essa diferença, utilizamos a distinção entre os usos das iniciais maiúsculas (quando se trata da Educação como campo do conhecimento) e minúsculas (quando se trata do fenômeno).

dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Na realidade, os ensaios transitam entre esses domínios, alguns textos sobre trajetórias falam de infâncias e escolas, ensaios sobre infâncias tratam de escolas a partir de histórias ficcionais, escritos que tematizam ficções versam sobre infâncias, trajetórias e escolas, além dos próprios textos sobre escolas que entrecruzam os tópicos anteriores. Portanto, a composição funciona melhor como um tecido de histórias entrecruzadas sobre educação.

Este conjunto é precedido de um texto introdutório que situa a experiência e de outro, ao final, que discute algumas questões sobre as relações interdisciplinares na interseção entre os campos da Antropologia e Educação, além de destacar algumas características dos ensaios reunidos nesta obra.

Passemos à leitura!

Parte 2 – Infâncias

Fumaça de terra

Ludmila Galdino Cândido

No quintal de uma chácara localizada na periferia de Brasília, um menino autista branco, de quatro anos, brinca de bater os pés na terra. “Fumaça de terra”, grita. Ele pula, gira, tosse, passa a mão no rosto e o suja por inteiro, mas isso não parece um problema. Bem perto de onde está, avista restos de um tronco corroído por cupins. Ele se aproxima, seleciona alguns pedaços e os carrega consigo, voltando para o local onde estava inicialmente. Muito feliz, bate os pés no chão e grita “dinossauros”, enquanto produz mais “fumaça de terra”. Ele se abaixa, deixando os pedacinhos de madeira cair, e arrasta os pés de um lado para o outro, apagando as pegadas que havia deixado no chão. Delicadamente, pega um dos pedaços de madeira e risca o chão. A mãe se aproxima e observa. A criança continua riscando e a mãe sugere que desenhem um dinossauro. O menininho faz uma bola, coloca olhos e desenha uma boca bem grande, com “dentes bem afiados” – ele frisa. A mãe pergunta se o dinossauro tem pernas e ele prontamente as desenha. Ela sugere que façam um rabo bem grande e o menino consente com a cabeça. Logo depois, ele passa os pés por todo o desenho, rindo.

Durante quase um ano inteiro, essa criança foi estimulada por três horas todos os dias. Havia um currículo de habilidades classificadas por idade; os profissionais a avaliavam de tempos em tempos e, a partir das habilidades que ele ainda não possuía, estabeleciam um plano de atividades que seriam implementadas. Tudo era feito em casa, com os brinquedos dele, de forma “naturalista”, como costumam chamar os provedores desses serviços. Mas é natural uma criança de dois anos ficar três horas por dia em um quarto fazendo atividades?

Embora na maior parte das discussões das disciplinas da Pedagogia nos atenhamos à educação em espaços escolares – até agora –, ter um filho autista sempre me impõe pensar na educação de uma forma mais ampla, daquela a que ninguém escapa, como já disse Brandão (1985). O diagnostico recebido aos dois anos e quatro meses trouxe vários desafios, e um dos maiores está relacionado à condução do seu processo de educação.

Geralmente, o diagnóstico de um transtorno de desenvolvimento vem acompanhado de um combo de prescrições de terapias que tem como objetivo recuperar os atrasos que a criança apresenta e promover o máximo de independência possível: Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia, Fisioterapia, Psicopedagogia, Psicologia, para citar as mais óbvias. Há justificativas cientificamente embasadas de que, até os cinco anos, a criança possui uma capacidade ótima de formar novas sinapses, permitindo que desenvolva habilidades em uma velocidade que nunca mais será possível ao longo da vida.

Lembro-me de que, ao ler o texto sobre o conceito de cultura de Santos (1994), passei a refletir mais profundamente sobre os tratamentos para autismo que são propostos pela maior parte dos especialistas e a pensar nessa questão por outra perspectiva. Se hoje, por

um lado, esperamos que uma criança de dois anos brinque livremente, sem preocupações sobre um certo conteúdo a ser aprendido, para as crianças atípicas ou deficientes, nossos desejos são de acesso a um tratamento "digno", ainda que isso signifique roubar-lhes a liberdade do contato descompromissado com experiências lúdicas, motoras e sensoriais da infância, a mesma que é desejada para as crianças "normais".

Como nos diz Santos (1994, p.8), "cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam". E é impossível não pensar que há na nossa cultura a lógica da normalização, uma constante negação do diferente. Mesmo quando desejamos que essas crianças tenham acesso a direitos, esperamos que elas se aproximem da média, que tenham que aprender, desde muito pequenas, as habilidades que as outras crianças supostamente já têm. Aliás, não me parece à toa a ideia de deficiências serem sempre definidas a partir daquilo que falta para a normalidade.

Sem negar que aos meus olhos há benefícios nessa estimulação precoce da criança, me questiono como deve ser para uma criança autista – e para meu próprio filho – ver e viver sua infância pensada a partir do que ele deveria ser e que o autismo não permite que seja. Mesmo querendo lutar contra meu próprio preconceito, as expectativas com que olho para ele são definidas por valores e ideias que aprendi vivendo num mundo que não quer olhar para os deficientes, para os diferentes, para os neurodivergentes. Lembro-me das reflexões de Cohn (2013) quando a autora argumenta que:

> [...] a Antropologia nos permite entender outros modos de ser criança que nem sempre são reconhecidos nas políticas públicas de saúde, educação, e no direito, mesmo naquelas políticas mais bem-intencionadas e mais afeitas aos direitos da criança e do adolescente. Porém, algumas situações nos revelam que não são só os nossos pré-conceitos antropológicos [...] que limitam o bom exercício da Antropologia: são também nossos pressupostos, como cidadãos que somos, como humanos que somos, e que também arriscamos carregar acampo. Estes preconceitos – agora assim mesmo, preconceitos – já impediram que víssemos as crianças como sujeitos plenos e capazes; já impediram que víssemos as crianças indígenas em suas especificidades, e não como parte de uma suposta universalidade da infância (ou, pior, como os infantes da infância da humanidade que eram os indígenas até poucas dezenas de anos atrás e ainda o são no senso comum); já impediram que escutássemos (e não regêssemos) suas vozes; já impediram que víssemos, em geral, as crianças e as infâncias em suas multiplicidades e em seus modos de gerenciar suas infâncias. (Cohn, 2014, p. 239-243)

Embora as discussões fossem outras e a reflexão pretendesse levar a outros questionamentos, também as crianças autistas não têm suas especificidades reconhecidas nas políticas de saúde, de educação ou no direito, nem mesmo como parte de uma infância supostamente universal. Digo isso porque o que há é o reconhecimento daquilo que lhes falta, mas não há um olhar para aquilo que possuem como potencial. A infância autista não existe como uma infância plena. Brincar repetitivamente com um mesmo brinquedo, bastante comum

entre crianças autistas, é visto como um sintoma – e, portanto, algo que deve ser evitado – não como uma característica de uma infância que é valorizada.

Olhar para aquele menino fazendo "fumaça de terra" repetidamente, durante vários minutos, já foi desesperador, mas, hoje, consegui entender com ele, no dia a dia, que há outras infâncias, outras alegrias possíveis, outras formas de enxergar as árvores que balançam com o vento. Tempos atrás, era uma criança que se recusava a segurar um lápis por não conseguir manuseá-lo com a precisão que seu cérebro gostaria, mas que hoje se permite explorar essas habilidades no chão de terra e interagir com o outro por meio da natureza. Isso não é também educação?

É incômodo pensar em todo o processo que já vivemos, porque me dou conta de que, em muitos momentos, estou tentando ensiná-lo como fui ensinada e, nesse sentido, realmente, vejo como a educação que recebi se impõe sobre mim – porque aprendemos através do contato com o mundo a perpetuar o que vimos, vivemos e aprendemos.

Mas eu não fui a criança que ele é. Não tenho a mesma forma de olhar para o mundo, as mesmas necessidades sensoriais, nem a mesma forma de aprender. E, se todos somos diferentes, será que estamos o tempo inteiro "colonizando" as crianças com nossa forma de ver o mundo? É assim que me sinto em muitos momentos, pensando que aquela educação "do colonizador, que contém o saber de seu modo de vida e ajuda a confirmar a aparente legalidade de seus atos de domínio, na verdade não serve para ser a educação do colonizado" (Brandão,1985, p. 8). Ao mesmo tempo em que quero respeitá-lo, entender sua forma de se desenvolver, interagir e aprender com o mundo, estou sempre buscando a minha forma de me desenvolver, interagir e aprender com o mundo como referência.

Ao pensar nessas questões da infância autista, consigo ainda enxergar um paralelo com o conceito de etnocentrismo. Se há nessa ideia um olhar de superioridade em relação à cultura de outro povo, no contexto que estou explorando há a expectativa do que seria uma infância "normal" (ainda que, na prática, ela aconteça de formas muito diversas) e a infância da criança autista é vista como algo inferior. Por isso, tentamos ensiná-la a nossa forma de nos comunicarmos, de nos comportarmos, de aprender, aceitando para isso até práticas como eletrochoque, como eu li em uma matéria sobre o assunto nos Estados Unidos outro dia.

Pensar a Antropologia é algo novo para mim. Quando fiz ensino médio, essa disciplina sequer era obrigatória. Nunca tive contato com a maioria desses conceitos e talvez tenha até fugido da proposta inicial deste trabalho, mas meu objetivo em cursar Pedagogia foi e é me dedicar à Educação especial, motivado pelo meu filho e por todas as crianças com quem tive contato desde que soube do diagnóstico dele. Dentro da minha realidade, quis mostrar como as discussões que temos feito durante a disciplina têm me provocado muitas reflexões e me feito pensar sobre como será minha prática pedagógica, além de me impulsionar a buscar conhecimentos que possam ampliar minha compreensão sobre outras formas de ver o mundo.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Esta coletânea tem como finalidade disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o livro reúne 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período de curso distribuídos em quatro partes. *Trajetórias* reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. *Infâncias* apresenta diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com filhos. *Ficções* é composta de textos escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. *Escolas* fecha o livro com ensaios sobre cenas escolares, enfocando dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Esse conteúdo pode ser interessante para as Ciências da Educação de maneira geral, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.

EDITORA UnB

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO